

AZULEJO

UMA LIÇÃO VIVA E PERMANENTE

O CONJUNTO AZULEJAR
DO CONSERVATÓRIO
NACIONAL DE TEATRO

UMA PARCERIA IMPROVÁVEL

CYRILLO VOLKMAR
MACHADO E
PEREIRA JÚNIOR

EM LEIRIA

A FACHADA
AZULEJADA DA ANTIGA
FARMÁCIA PAIVA

PERSPECTIVAS DIGITAIS

OS AZULEJOS
DAS COLECCÕES
NEPOMUCENO
E AMEAL





“NÃO SEI PINTAR EM AZULEJO!”: CONVERSA COM JORGE MARTINS

Autor de uma vasta obra pictórica e gráfica reconhecida em Portugal e no contexto internacional, na qual se incluem vários projectos em azulejo, o pintor Jorge Martins (n. 1940) aborda, nesta entrevista, a sua obra cerâmica e o modo como entende a azulejaria, considerando-a um veículo de enriquecimento estético dos espaços do quotidiano. Muito embora o azulejo não seja a disciplina em que mais se notabilizou, o seu trabalho nesta área é bem representativo da azulejaria contemporânea em espaço público.

“I don't know how to paint on *azulejo!*”: a talk with Jorge Martins

Author of a vast pictorial and graphics work recognized both in Portugal and abroad, including several projects in tile, the painter Jorge Martins (born 1940) addresses, in this interview, his ceramic work and the way he understands tiles, considering it a vehicle of aesthetic enrichment of the daily spaces. Although the tile is not the discipline in which he was most notable, the work he has done in this area is very representative of the contemporary tiles in public space.

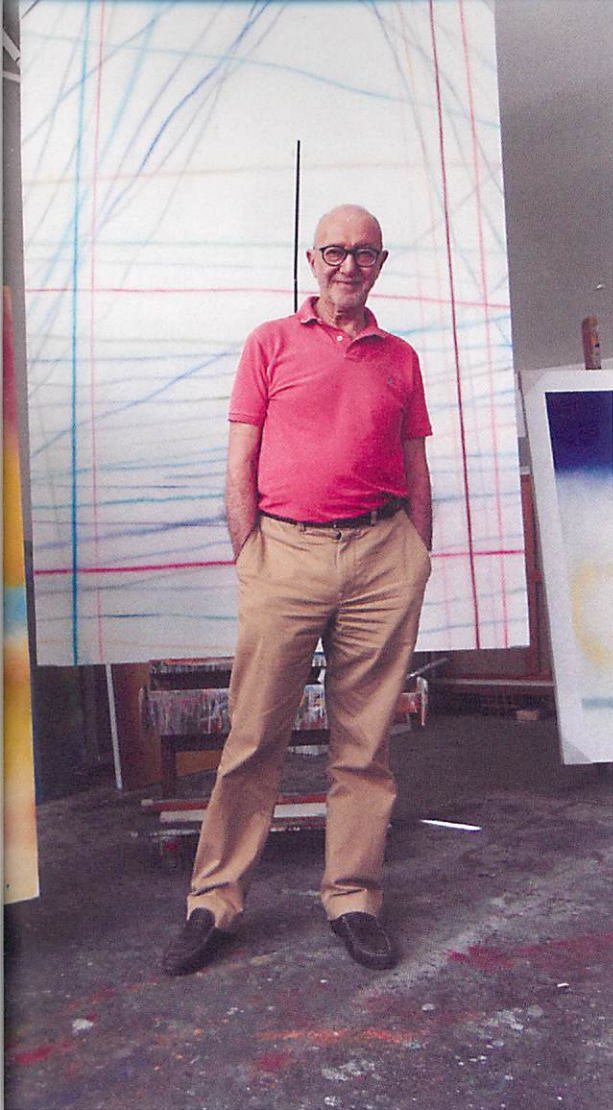


FIG. 11 O artista Jorge Martins no seu atelier. Fotografia de Inês Leitão

PERCURSO BIOGRÁFICO E OBRA PÚBLICA EM AZULEJO

Jorge Martins nasceu em Lisboa a 4 de Fevereiro de 1940. Frequentou o Liceu D. João de Castro revelando, desde muito cedo, uma enorme atracção pelo traço e pela plasticidade dos objectos. Entre 1957 e 1961 frequentou os cursos de Arquitectura e Pintura da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa e, em 1958, iniciou-se na técnica de gravura, na Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses, a convite de Júlio Pomar (1926-2018).

Em 1961, o começo da Guerra da Independência de Angola conduziu-o, durante treze anos, ao exílio, mudando-se então para Paris, onde fez parte do grupo de artistas que, por razões políticas ou artísticas, mais tempo permaneceu fora de Portugal. Foi na capital francesa que conviveu com o grupo KWY³ e com os pintores Júlio Pomar, Manuel Baptista (n. 1936) e com o casal Maria Helena Vieira da Silva (1908-1992) e Arpad Szenes (1897-1985), que manteve desde sempre um contacto intenso com artistas e intelectuais e com quem Jorge Martins desenvolveu uma grande amizade⁴.

Muito embora a sua primeira exposição individual date de 1960⁵, a sua carreira artística conheceu um verdadeiro impulso apenas no final dessa década e início da seguinte, altura em que venceu vários prémios em Portugal⁶, foi premiado pela secção portuguesa da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA) e iniciou uma colaboração com três galerias, a saber a Galeria 111, em Lisboa; a Galerie Bellechasse, em Paris; e a Galerie Börjeson, na Suécia.

Depois de uma estadia em Nova Iorque, onde adquiriu um atelier e trabalhou intensamente, regressou a Paris em 1976, realizando uma exposição de desenhos no Musée National d'Art Moderne / Centre Pompidou (Centre national d'art et de culture Georges Pompidou), em 1978. No ano seguinte fez uma importante exposição de desenhos na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, intitulada *Jorge Martins: Preto. Branco*. O ano de 1991 ficaria marcado pelo regresso definitivo à sua cidade natal, onde permanece até hoje.

Já instalado em Lisboa, a sua obra foi objecto de uma exposição retrospectiva, que decorreu novamente na Fundação Calouste Gulbenkian, e que abrangiu uma cronologia compreendida entre 1958 e 1993. Durante este período, a manifestação da luz no espaço confirma-se como elemento-chave da sua obra, tendo desenvolvido uma pesquisa artística centrada no tratamento da mesma, assim como na prática autónoma do desenho, revelando traços e singularidades que irão marcar a sua vasta obra pictórica.

Muito embora as suas primeiras experiências com o azulejo sejam anteriores⁷, os anos de 1990 marcaram, também, os primeiros grandes trabalhos de Jorge Martins com este material cerâmico, nas estações do Metropolitano de Lisboa da Pontinha e de Chelas, inauguradas respectivamente nos anos de 1997 e 1998. Para estas encomendas o artista propôs duas soluções de características muito distintas: concebeu o revestimento da estação Pontinha, passível de remeter à sua linguagem plástica, constituído por

figura de referência da arte contemporânea portuguesa, o pintor Jorge Martins (n. 1940) faz parte de um grupo de artistas que recorre ao azulejo apenas de forma pontual, moldando a sua linguagem plástica aos desafios do material cerâmico e reinterpretando momentos específicos da história da azulejaria portuguesa¹. Esta forma de trabalhar o azulejo é representativa do entendimento que artistas, designers e arquitectos têm manifestado, nas últimas décadas, em relação ao azulejo, materializado na sua adaptação à identidade artística de cada autor e à diversidade de superfícies de aplicação, originadas, essencialmente, pela implementação dos novos espaços públicos – como viadutos, túneis, estações de transportes públicos urbanos e subterrâneos, etc.².

Muito embora não seja autor de uma extensa obra cerâmica e afirme que *não sabe pintar em azulejo*, Jorge Martins conta com cinco intervenções aplicadas na arquitectura, todas elas em espaço público: os azulejos da estação Pontinha do Metropolitano de Lisboa (1997); os monumentais revestimentos da estação Chelas do Metropolitano de Lisboa (1998) e do Edifício Écran (2000), em Lisboa; ou as intervenções na cafetaria da área de serviço da CEPSA (2000), em Óbidos, e nos dois lagos do edifício Espírito Santo Plaza (2002), em Miami (EUA). O artista adaptou o azulejo a novas situações plásticas, sobretudo no contexto da obra pública, possibilitando a exploração de uma nova linguagem estética que *personaliza* a paisagem urbana da cidade de Lisboa, mas também a de outros locais como Óbidos ou Miami.

Deste modo, e considerando tanto a importância da sua obra pública em azulejo como a quase inexistência de testemunhos escritos de Jorge Martins sobre esta arte, a presente entrevista reveste-se de um significado muito particular, organizando-se em duas partes: a primeira, de enquadramento, traça um breve percurso biográfico do artista relacionado com a sua obra pública em azulejo; a segunda corresponde à própria entrevista.

¹ Os artistas que pontualmente trabalham o azulejo são normalmente motivados pela encomenda, como é o caso de Jorge Martins, ou pela procura de novos meios de expressão.

² Sobre a produção azulejar contemporânea circunscrita ao período de 1950 a 2018 ver HENRIQUES, Paulo – 1949-1974: A Construção das Modernidades. In RODRIGUES, Ana Maria (coord.) – *O Azulejo em Portugal no século XX*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses / Edições INAPA, 2000, pp. 70-82; OLIVEIRA, Luísa Soares de – 1974-2000: Arte em cerâmica: a cerâmica contemporânea de autor em Portugal. In RODRIGUES, Ana Maria (coord.) – *O Azulejo em Portugal no século XX*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses / Edições INAPA, 2000, pp. 157-236; LEITÃO, Inês – *A arte pública e a construção do lugar. A presença do azulejo (1970-2013)*. Lisboa: [s.n.], 2016. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 40-43; MENEZES, Marluci – *O Azulejo saiu da parede. Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Vol. 57 (2017), pp. 221-225; PAIS, Alexandre – *Textos / Texts. In Add Fuel (Square One): Um livro de / a book de Diogo Machado*. Cascais: Edição de autor, 2018, pp. 10-13.

³ Constituído pelos portugueses Lourdes Castro (n. 1930), René Bertholo (1935-2005), António Costa Pinheiro (1932-2015), João Vieira (1934-2009), José Escada (1934-1980) e Gonçalo Duarte (1935-1986), pelo búlgaro Christo (n. 1935) e pelo alemão Jan Voss (n. 1936).

⁴ Numa entrevista realizada durante esses anos, Maria Helena Vieira da Silva referia-se a Jorge Martins como “um pintor jovem mas que fará longa carreira...”. Entrevista a Vieira da Silva por Nuno Rocha in *Diário Popular* (5-12-1969), p. 35. In RUIVO, Mariana Bairrão et al – *Jorge Martins Interferências com Arpad Szenes e Maria Helena Vieira da Silva*. Lisboa: Documenta, 2017, p. 9.

⁵ Na Galeria Gravura, em Lisboa.

⁶ Menções Honrosas nas exposições *Mobil* e *Soquil*, ambas em Lisboa.

⁷ Referimo-nos à encomenda de painéis de azulejos por parte da Galeria Rattón, em Lisboa, na década de 1980.

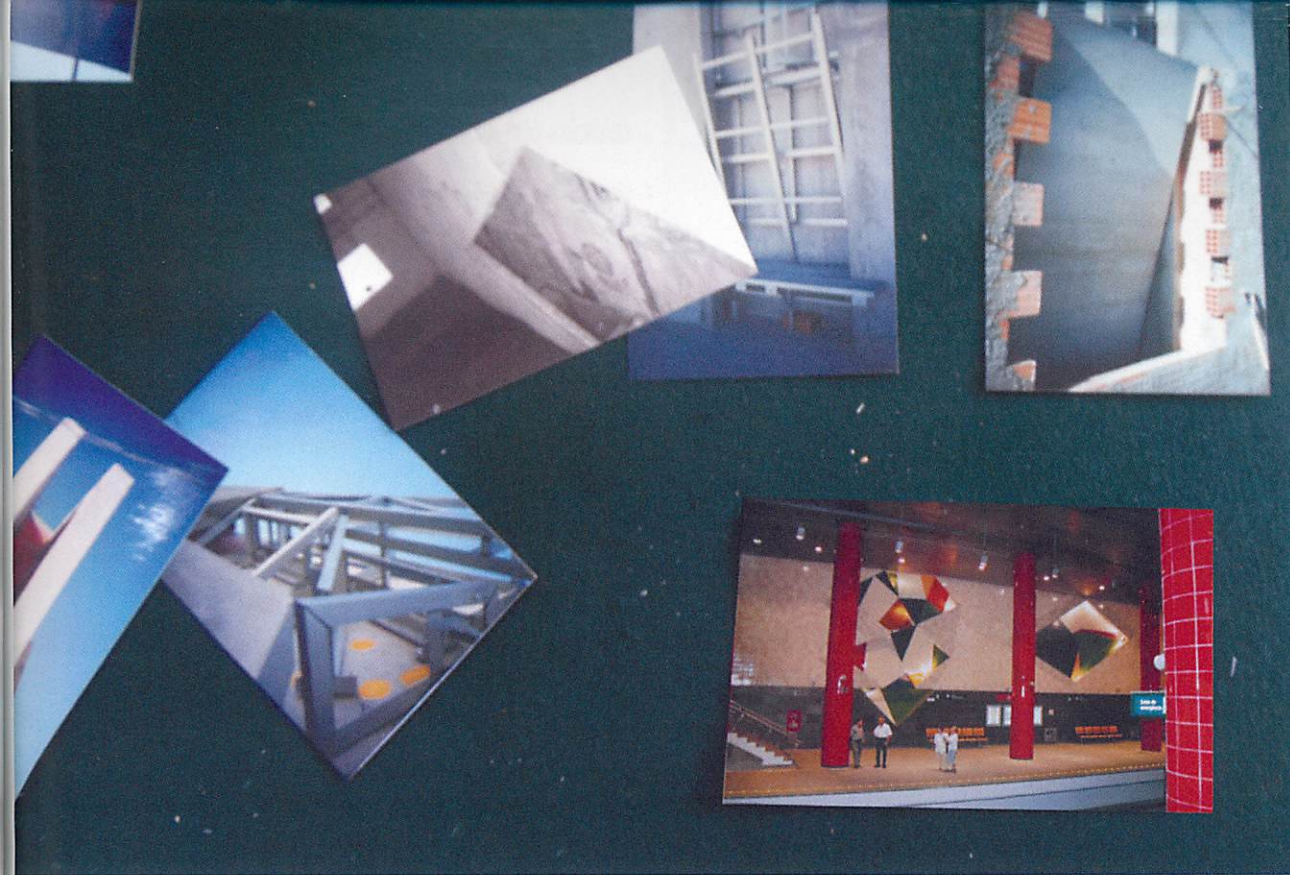


FIG. 2) Lisboa, Metropolitano, estação Chelas, 1998, Jorge Martins (n. 1940). Fotografias do arquivo do artista

⁸Sobre os azulejos da estação Pontinha ver HENRIQUES, Paulo – Arte no Metropolitano de Lisboa. In ROLLO, Maria Fernanda, coord. – *Um metro e uma cidade. História do Metropolitano de Lisboa*, Vol. 3, Lisboa: Metropolitano de Lisboa, 2001, p. 175.

⁹Sobre o revestimento azulejar da estação Chelas ver HENRIQUES – Arte no Metropolitano de Lisboa, pp. 184-186; ALMEIDA, Ana – *Da Cidade ao Museu e do Museu à Cidade: Uma Proposta de Itinerário pela Azulejaria de Autor na Lisboa da Segunda Metade do Século XX*. Lisboa: [s.n.], 2009. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. 2 Vols, p. 79; LEITÃO – *A arte pública e a construção do lugar*, pp. 120-123.

¹⁰Sobre o revestimento do Edifício Écran ver: ALMEIDA – *Da Cidade ao Museu e do Museu à Cidade*, pp. 89-91.

¹¹Sobre este assunto ver CALADO, Rafael Salinas – *A Azulejaria em Auto-Estradas do Atlântico*. Lisboa: Auto-Estradas do Atlântico, 2003, pp. 28-33.

¹²Na verdade, e tendo em conta a produção cerâmica contemporânea, consideramos que o azulejo tem sido trabalhado de duas maneiras distintas: os autores que, tal como Jorge Martins ou Eduardo Nery (1938-2013), apenas idealizam os azulejos; e os outros que trabalham directamente o material cerâmico, executando as próprias obras, como é o caso do mestre Manuel Cargaleiro (n. 1927). Esta ideia foi explorada por Paulo Henriques, sugerindo que o azulejo aplicado na arquitectura é trabalhado sob duas vias: uma “conceptual” e outra “material e concreta”. Sobre este assunto ver HENRIQUES, Paulo – 1949-1974: *A Construção das Modernidades*. In RODRIGUES, Ana Maria, coord. – *O Azulejo em Portugal no século XX*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses / Edições INAPA, 2000, pp. 70-71.

barras coloridas de diferentes espessuras (sobre um fundo branco) que sugerem uma articulação com as linhas ortogonais da arquitectura⁸; e um revestimento global para a estação Chelas, onde propôs a criação de volumetrias *esculpidas* na parede, que sugerem vários planos e criam diferentes jogos de luzes, originando uma modelação do espaço e a criação de uma superfície parietal tridimensional⁹. FIG. 2 Nesta última intervenção, mais do que articular o seu trabalho com a arquitectura, Jorge Martins trabalhou em estreita relação com a arquitecta Ana Nascimento.

Na viragem do século, continuou a receber encomendas de projectos públicos em azulejo. Em Lisboa, merece especial destaque o revestimento do Edifício Écran, no Parque das Nações, uma obra monumental onde aplicou elementos que sugerem características do azulejo português e árabe¹⁰. FIG. 3 Este revestimento, datado de 2000, faz parte do conjunto de azulejos aplicados após a Expo '98 – designação comum da Exposição Internacional de Lisboa de 1998. No mesmo ano, concebeu ainda dois painéis para o interior do edifício da cafetaria da área de serviço da CEPESA, em Óbidos¹¹, numa linguagem que, apesar de recorrer a elementos figurativos, remete para o abstraccionismo, explorando uma escala cromática de azuis e verdes. Segundo Jorge Martins, muito embora este projecto seja uma encomenda da Auto-Estrada do Atlântico, quem lançou o repto aos diferentes artistas para intervir em algumas áreas de serviço, ao longo do país, foi a própria fábrica onde os azulejos foram produzidos, a Viúva Lamego. Em 2002 voltou a criar estruturas tridimensionais em dois lagos do edifício Espírito Santo Plaza, em Miami (EUA), integrando o azulejo nestes elementos de uma forma indissociável, como uma *pele congénita*. FIG. 4

Neste conjunto de obras que realizou para arquitectura, Jorge Martins continuou a colaborar com a Galeria Ratton, entidade que produziu os seus primeiros painéis de azulejos, trabalhando de forma mais pontual com a fábrica Viúva Lamego nos revestimentos da estação Chelas do Metropolitano de Lisboa e nos dois painéis para a cafetaria da área de serviço da CEPESA em Óbidos.

Esta breve análise da sua obra permite perceber a importância que Jorge Martins atribuiu à arquitectura, trabalhando o espaço com o qual procura articular a intervenção azulejar. A frequência dos três

primeiros anos do curso de Arquitectura poderá ajudar a explicar a particular sensibilidade e percepção que desenvolve sobre a obra pública em azulejo, entendendo-a como um meio de enriquecimento estético do quotidiano. Como poderemos ler mais à frente, na entrevista, “Para além da arquitectura ser uma disciplina que me interessa imenso, gosto de trabalhar em dimensões grandes, onde prefiro trabalhar quase como arquitecto, como aconteceu no projecto da estação Chelas do Metropolitano de Lisboa...”. Note-se, no entanto, que como tantos outros artistas seus contemporâneos, Jorge Martins não executa os azulejos, mas apenas concebe os projectos, que são depois realizados na Galeria Ratton ou na Fábrica Viúva Lamego¹².

Paralelamente a estas incursões no mundo da azulejaria, Jorge Martins continuou a expor, reunindo em 2001, na Culturgest, mais de quatro dezenas de telas recentes. Obteve o prémio consagração CELPA / Vieira da Silva no ano de 2003, no seguimento da sua participação na mostra realizada na Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva em Lisboa. Entre 2004 e 2006 expôs em Brasília (Brasil), na Cidade do México (México) e novamente em Lisboa, no Centro Cultural de Belém.

Mais recentemente, em Fevereiro de 2018, Jorge Martins apresentou a exposição *Orbes*, na Galeria Ratton – a única no país dedicada, em exclusivo, ao azulejo – onde expôs painéis de azulejo representando labirintos, corpos celestes e terrestres, acompanhados por poemas da escritora Rita Taborda Duarte (n. 1973), alguns dos quais haviam sido realizados há trinta anos e outros que nunca tinham sido mostrados. Retomando, em certa medida, as suas primeiras experiências em azulejo, na década de 1980, e abandonando o registo monumental do azulejo integrado na arquitectura, o pintor aceitou o repto lançando por esta galeria para a concepção de peças individuais reveladoras da força do azulejo contemporâneo como suporte de expressão artística individual.

Ao entrarmos no seu *atelier*, FIG 5 apercebemo-nos de uma vastíssima produção marcada por diferentes fases e momentos, confirmação de que a obra de Jorge Martins teve, e continua a ter, um papel de relevo na arte portuguesa, assim como na produção azulejar contemporânea.



3\ Lisboa, Parque das Nações, Edifício Écran, fachada, 2000, Jorge Martins (n. 1940). Fotografia de Ana Almeida



4\ Estados Unidos da América, Nova Iorque, Edifício Espírito Santo Plaza, lagos, 2000, Jorge Martins (n. 1940). Fotografias do arquivo do artista



5\ Atelier do artista Jorge Martins. Fotografia de Inês Leitão

CONVERSA COM JORGE MARTINS¹³

Alexandra Trindade Gago da Câmara (ATGC) / Inês Leitão (IL):
Como define o azulejo?

Jorge Martins (JM): Na perspectiva de qualquer lisboeta, que habita uma cidade revestida por azulejos. A minha ligação a este material é antiga, pois vivi num prédio com uma fachada com azulejos facetados monocromáticos (eram bonitos!). Todavia, nunca considerei pintar em azulejo e, apesar da curiosidade que me desperta, continuo sem saber trabalhar esta técnica complexa e talvez seja esse o motivo pelo qual evite este material. Ao contrário do que acontece com a pintura a óleo, técnica que domino muito bem. Por outro lado, e apesar de desenhar sempre a maquete em papel, sinto que, se fosse eu a pintar, os meus trabalhos cerâmicos não ficavam assim, ou seja, sinto uma diferença de mão – infelizmente muitos artistas não são artesãos e muitos artesãos não são artistas.

ATGC / IL: Fez um revestimento azulejar nos Estados Unidos da América. Como é que o azulejo é aí entendido?

JM: Apesar de não haver uma tradição azulejar, houve épocas em que se utilizaram revestimentos cerâmicos. Por exemplo, em alguns prédios do século XIX há azulejos com relevo e que são muito interessantes. Isto mostra que, apesar de não ser uma arte tradicional, há bons exemplos da aplicação deste material nos Estados Unidos, sobretudo em Nova Iorque.

ATGC / IL: Como surgiu o azulejo na sua obra artística?

JM: Surgiu com a encomenda de alguns painéis de azulejos por parte da Galeria Ratton, na década de 1980, mas o meu primeiro grande trabalho foi para o Metropolitano de Lisboa. Na altura, vivia ainda em Paris, e convidaram-me para conceber um revestimento para a estação Chiado que, devido a alguns constrangimentos, acabou por não se concretizar e a encomenda foi alterada para a estação Campo de Ourique. Ainda guardo estes dois contratos! Posteriormente, a administração do Metropolitano preveniu-me que o projecto para esta última estação estava demorado, existindo mesmo a possibilidade de não se concretizar, e sugeri outras estações da linha vermelha (da Expo '98) em que podia intervir, acabando por escolher Chelas, o que se revelou uma ótima decisão. Para além de trabalhar com a arquitecta Ana Nascimento, com quem me entendi muito bem, deparei-me com o início da construção da estação, o que me permitiu conceber o meu trabalho a partir da sua edificação.

ATGC / IL: A preparação de uma obra em azulejo consiste, normalmente, em várias fases, que se estendem desde a encomenda à aplicação. Qual é o seu método de trabalhar em azulejo? De que forma acompanha o processo?

JM: Interveno durante todo este processo global, que se inicia na encomenda. Depois desta etapa, concebo a obra e, muito embora não pinte em azulejo, desenho sempre o projecto ou a maquete. FIG. 6 Numa fase intermédia ocorrem uma série de reuniões com os restantes intervenientes da obra, como o arquitecto, os construtores, etc. (como aconteceu no Metropolitano de Lisboa). Por fim, acompanho a obra desde a execução dos azulejos até ao seu assentamento no espaço.

ATGC / IL: Antes de ser pintor estudou arquitectura. A formação nesta área influenciou a sua pintura?

JM: Sem dúvida! Para além da arquitectura ser uma disciplina que me interessa imenso, gosto de intervir em dimensões grandes, onde prefiro trabalhar quase como arquitecto, como aconteceu no projecto da estação Chelas do Metropolitano de Lisboa.

¹³ Esta entrevista decorreu no atelier do artista, em Lisboa, no dia 26 de Julho de 2018.

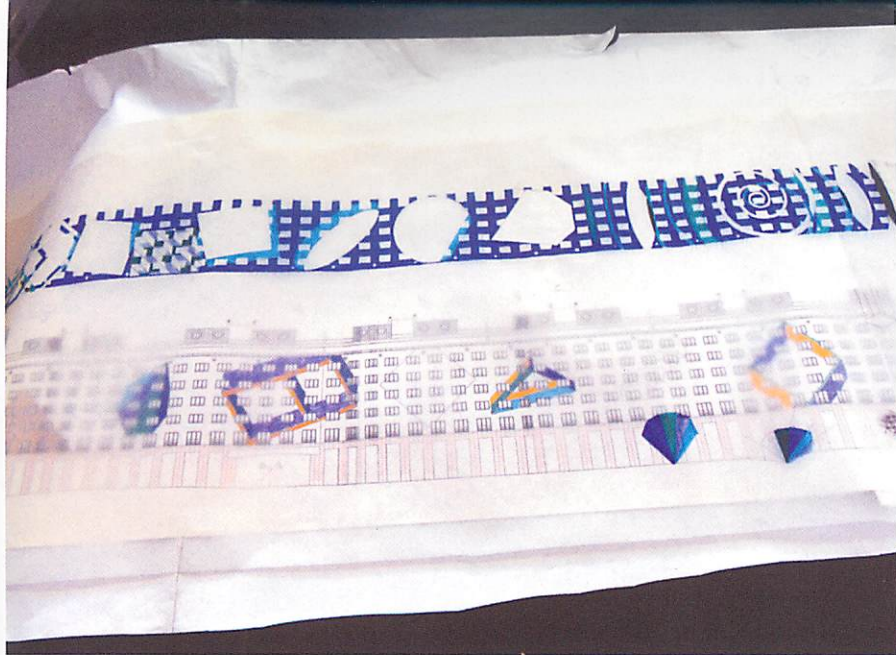


FIG. 6A Exemplo de um projecto elaborado pelo artista Jorge Martins (n. 1940), nomeadamente o da fachada do Edifício Écran (2000), em Lisboa. Fotografia de Inês Leitão



FIG. 7A Lisboa, Parque das Nações, Edifício Écran, fachada, 2000, Jorge Martins (n. 1940). Fotografia de Inês Leitão

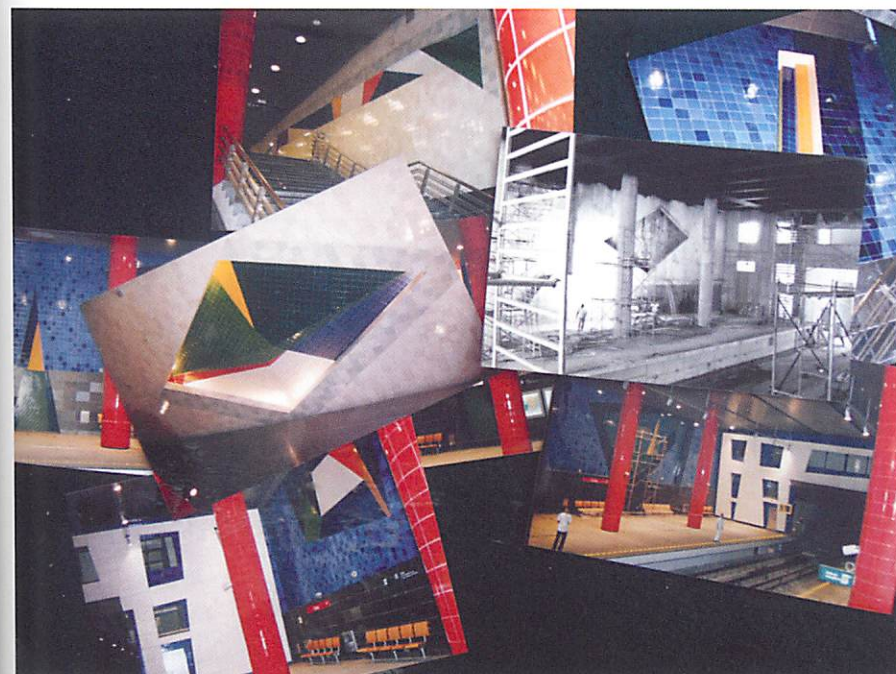


FIG. 8A Lisboa, Metropolitano, estação Chelas, 1998, Jorge Martins (n. 1940). Fotografias do arquivo do artista

ATGC / IL: Como é feita a integração do azulejo no programa arquitectural?

JM: Tento sempre articular as duas disciplinas. Recorro, uma vez mais, ao exemplo da estação de Chelas do Metropolitano de Lisboa, pois este projecto representa uma colaboração perfeita entre o azulejo e a arquitectura.

ATGC / IL: Tem realizado alguns projectos em azulejo para o espaço público. Como é intervir nestes locais? Que desafios se impõem?

JM: Uma obra para o espaço público tem exigências diferentes de um trabalho *pessoal*, um trabalho de *atelier*. Apesar de muitas preocupações serem comuns, tem que existir uma maior simplificação, isto é, torna-se um trabalho mais próximo do *design*. Este aspecto não minimiza as intervenções em espaço público, muito pelo contrário, demonstra que estas têm uma função diferente de um quadro para um museu ou para uma galeria, sendo necessário adequar o discurso a estas particularidades. Considero que uma obra pública deverá ter uma dimensão *espetacular* e, ao mesmo tempo, ser compreendida pelos seus usufruidores, pois destina-se a ser observada depressa e em movimento, e não a ser contemplada. Tendo por base esta ideia, nos meus trabalhos para grandes estruturas públicas, como as estações do Metropolitano de Lisboa ou os Edifícios Écran (Lisboa) e Espírito Santo Plaza (Miami, EUA), opto por não fazer desenhos porque à escala tornam-se minúsculos e não se justifica estar a *contar histórias* num local de passagem.

ATGC / IL: Considerando a longa história do azulejo em Portugal, qual é o seu pintor de azulejos preferido? E que época ou espaço mais o encanta?

JM: Esta é uma pergunta difícil de responder... A Maria Keil, tem superfícies de azulejos muito interessantes, bonitas e adequadas. Desconheço os nomes dos artistas, mas os azulejos do Palácio Fronteira [Lisboa], da Igreja de São Lourenço de Almancil, da Igreja da Madreus [Lisboa], do Convento da Serra de Ossa [Aldeia da Serra] ou do Mosteiro de São Vicente de Fora [Lisboa], são um deslumbramento. Isto, sem referir a azulejaria árabe. Não inventámos o azulejo, o que não tem nenhuma importância, mas soubemos utilizá-lo bem e durante muito tempo.

ATGC / IL: No revestimento que concebeu para o Edifício Écran, no Parque das Nações, são notórias algumas alusões a determinados períodos da história da cerâmica. Estas menções são conscientes ou intuitivas?

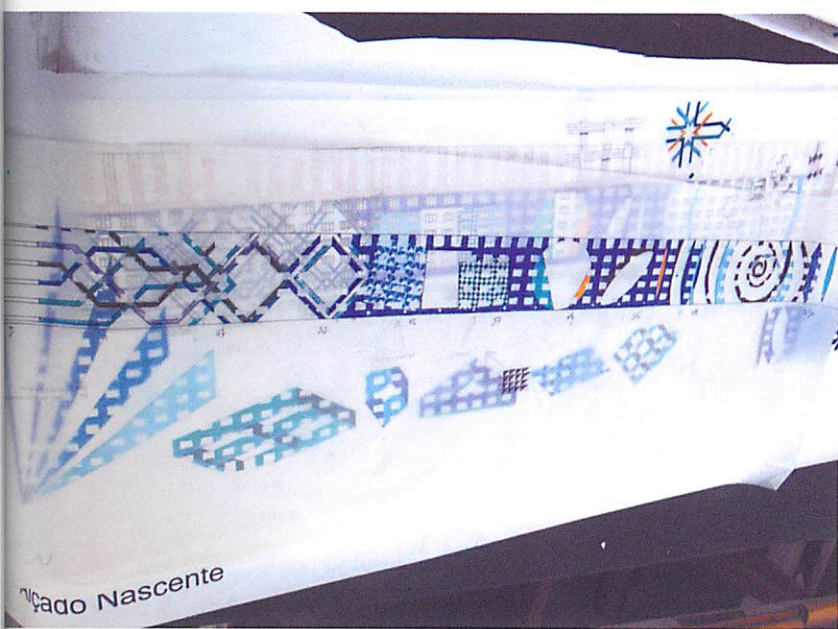
JM: São propositadas. Por exemplo, o lado do Oriente faz alusão à cerâmica oriental através de um entrelaçado característico da azulejaria árabe, que *nós* também herdámos. FIG. 7 São *private jokes* que um artista tem para ele próprio quando está a conceber uma obra.

ATGC / IL: O que pensa sobre a utilização do azulejo na contemporaneidade?

JM: É muito importante que se continue a utilizar o azulejo para revestimento, pois é uma das nossas tradições. Agora está na moda as placas de pedra de mármore por cima do cimento, o que não faz muito sentido. Para além das vantagens, em termos decorativos, ecológicos e práticos, o azulejo pode ter uma função decorativa, no bom sentido, atribuindo personalidade a uma construção. Nesta medida, acho que este deve continuar a ser aplicado em Lisboa porque é um material que faz parte do carácter da cidade.



Lisboa, Parque das Nações, Edifício Écran, fachada, 2000, Jorge Martins (n. 1940). Fotografia de Inês Leitão



Lisboa, Parque das Nações, Edifício Écran, fachada, 2000, Jorge Martins (n. 1940). Fotografia de Inês Leitão



Estados Unidos da América, Nova Iorque, Edifício Espírito Santo Plaza, lagos, 2000, Jorge Martins (n. 1940). Fotografias do arquivo do artista

ATGC / IL: Gostaríamos que se referisse em maior detalhe a algumas das suas obras em azulejo. Começamos pelos projectos para o Metropolitano de Lisboa – estações Chelas e Pontinha.

JM: Como comentei anteriormente, a estação de Chelas foi uma obra muito interessante por ter permitido conceber o meu trabalho a partir da construção da própria estação, uma vez que ambos os processos decorreram em paralelo, proporcionando uma enorme cooperação entre mim e a arquitecta. Assim, aproveitei-me do método *construtivo* e da engenharia de *construção* para abrir alguns buracos na superfície das paredes, de modo a criar vários planos no espaço, pois queria evitar paredes lisas e verticais. Estava ainda planeada a incorporação de luzes no interior destes planos, de modo a simular a luz natural do exterior, o que acabou por acontecer mas não de acordo com o projecto original. Perdem um pouco o sentido, mas em compensação atribuem um enorme dinamismo ao espaço. Esta obra foi feita com uma grande rapidez e nem sempre foi possível melhorar certos aspectos, mas são as particularidades das obras públicas. Em suma, à parte do que não ficou exactamente como eu tinha previsto, acho que é um projecto interessante, onde o revestimento azulejar, devido à sua articulação perfeita com a arquitectura e num olhar mais distraído, parece pintura parietal.

No que diz respeito à estação Pontinha, e encontrando-se esta já construída, o projecto foi diferente. Fui convidado pelo Eng. Portela, da administração do Metropolitano, a fazer um revestimento em azulejo para este espaço. Acabei por intervir no cais, onde fiz uma obra discreta através de linhas muito simples, de que gosto bastante. É interessante... De repente lembrei-me que este projecto, tão antigo, recorda-me imenso um quadro que estou a fazer neste momento – é o mesmo pensamento conceptual.

ATGC / IL: E sobre o monumental revestimento do Edifício Écran, no Parque das Nações, quais são as suas impressões?

JM: Foi um trabalho irrepreensível, onde o azulejo foi aplicado magnificamente, apesar da complexidade da intervenção. A dimensão da fachada – meio quilómetro de superfície com inúmeras janelas – tornou esta obra um enorme desafio, pois foi necessário encontrar a escala e a forma ideal para um projecto que teria de ser aprovado pelos vários proprietários do edifício. Neste sentido, para serem visíveis e terem impacto na fachada, as formas teriam que absorver as janelas, tal como acabou por acontecer. Os motivos que esta superfície apresenta, com referências ao azulejo português e árabe (no lado Oriente), são alcançados através de azulejos que, em determinadas partes, tiveram que ser cortados.

ATGC / IL: Numa escala distinta, projectou a seguir os dois painéis para o interior do edifício da cafeteria na área de serviço da CEPSA, A8 – Sentido Norte-Sul, em Óbidos.

JM: Esta obra foi concebida de maneira diferente das que temos vindo a analisar. De menores dimensões, trata-se de uma obra decorativa, ainda que não propriamente de um quadro numa parede. Criei painéis rectangulares, mais concisos e desenhados, utilizando os tons clássicos do azulejo, o azul e o verde. Apesar do azulejo ter sido sugerido por parte do encomendador, para este género de espaço público não fazia sentido uma pintura.



FIG. 12\ O artista Jorge Martins no seu atelier. Fotografia de Inês Leitão

ATGC / IL: Por fim, a intervenção em dois lagos do edifício Espírito Santo Plaza, em Miami (EUA).

JM: O Banco construiu um arranha-céus em Miami, por sinal com uma arquitectura extraordinária, organizado em dez andares, que correspondem ao hotel; outros dez eram escritórios; o Banco, julgo, que se localizava do segundo ao quarto andar; e os restantes pisos eram residenciais. Convidaram-me a fazer uma intervenção em azulejo num terraço, onde existiam dois lagos compridos, o que me levou a idealizar umas formas muito simples piramidais e um fundo, também com azulejos. FIG. 11

Um aspecto interessante foi o processo de assentamento, onde observei uma certa dificuldade por parte dos operários norte-americanos em trabalhar com o material cerâmico. Como os azulejos eram recortados e de diferentes tamanhos, o projecto exigia uma grande perícia, obrigando a um trabalho muito semelhante ao da joalheria. Todavia, na sequência do furacão *Katrina*, em 2005, a obra teve de ser substituída e, desta vez, a aplicação foi realizada por operários portugueses que, com uma grande mestria, conseguiram executar a obra de maneira exemplar.

ATGC / IL: Como vê a candidatura do azulejo a Património da Humanidade?

JM: Parece-me muito pertinente. No entanto, preocupa-me quando há uma certa necessidade de classificação do património, porque é sinónimo que este está em perigo. FIG. 12 Deveria haver uma maior preservação deste património, sobretudo, do azulejo de padrão aplicado nas fachadas. Como já referi, o azulejo de fachada confere carácter a uma cidade, e nisso Lisboa está, infelizmente, a

ficar muito descaracterizada. Por outro lado, existem várias vantagens em utilizar este material que, apesar de ser mais caro, tem aspectos práticos extraordinários, como a durabilidade, a manutenção, a luminosidade, a substituição (são pixéis de 14x14 que vão em caixinhas).

O azulejo é um revestimento maravilhoso, sobretudo quando é bem aplicado, o que é visível nos prédios do século XIX ou nos quilómetros de azulejos pintados à mão, maravilhosos, do Palácio Fronteira ou do Mosteiro de São Vicente de Fora. Para se obter um trabalho destes é preciso ter um respeito enorme pelo material, amor e muito conhecimento técnico, tal como acontece na pintura a óleo. Quando não se sabe pintar estraga-se o quadro.

Agradecimentos

Agradecemos ao artista Jorge Martins a disponibilidade para esta entrevista, assim como todas as informações fornecidas.

Inês Leitão é bolsista de doutoramento, com bolsa de investigação atribuída pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (SFRH/BD/128849/2017), e financiamento participado pelo Fundo Social Europeu, através do Programa Operacional Capital Humano (POCH) e por fundos nacionais do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior.